

DE MARIEL REIS

Chegando em Casa

Chegando em casa
Abro a porta.
E, no escuro,
Permanecem estáticas:
A cadeira, a roupa,
Toda a extensão da sala,
Tudo o que anseia um futuro...

E repentinamente se escapa
Por entre os espaços do corpo.

Estão se Adiantando

Reviro os documentos na escrivaninha:
Bilhetes, registros e fotografias,
Todas as testemunhas de que estive
Presente em meu tempo.

Datas, carimbos e emolumentos,
Rodam assentes em meu sangue cartorial,
Enquanto lá fora o vento brinca
Com as folhas que rolam soltas
Por todo o quintal.

Entre um recorte e outro de jornal
A notícia de um desastre automobilístico,
A morte de uma bailarina, a internação do tísico,
Um ou outro caso banal.

O anúncio da morte de um conhecido
Que ganhou as feições de um arvoredo,
Devido ao papel tão amarelecido
Dispara em meu corpo o medo:

- Por que estão se adiantando, meus amigos?

Respondem:

“Em um tempo tão sombrio
Cumprimos
As ordens
De nos retirarmos
Da vida tão cedo.”

Cena Familiar

Lá está minha mãe a catar feijão.
Meu pai, sombrio, lê as notícias
Sobre a crise no jornal.
Meu irmão acompanha uma série na televisão.
Minha irmã escova os cabelos da boneca.
Instalado na solidão, observo a cena,
Lembro do gesso na minha perna.
E sem um motivo qualquer
Arrisco escrever um poema.

Notícia

Atento, leio os jornais,
Na condução rumo ao Centro.
As notícias permanecem banais:
Desastres, mortes, o tempo.
Os homens parecem seguir iguais.

E tudo é desmentido.

Atravessa a avenida
Com zunido de projétil,
Estatela-se do prédio
Fincado está ao chão

Um homem com uma flor.
Um homem como uma flor.

Um homem como uma flor
Sem nenhum perfume.

Um homem como uma flor
De estreme.

Um homem como uma flor
Germinada do ciúme.

Ou como será noticiado:
Um homem que apenas se matou.

George Trakl

Tateamos a urna
Em que restam
As tuas cinzas,
Juntamo-la ao
Ouvido e nada...
Voz alguma
Levantou-se
Para resposta.

O anjo postou-se
À porta, calado;
O vento gelado
Trouxe os silvos
Dos mortos e o
Delírio inevitável
Tornou harpa
O silêncio petrificado.

As folhas bailam
Mortas e o relicário
Com tuas cinzas,
Indecifrável,
Estiola-se
Perfume vândalo
De campa ardente.

MARIEL REIS (RIO DE JANEIRO) Ensaísta, contista e poeta. Escreve regularmente o blog www.cativeiroamorodotomestico.blogspot.com. Publicou, entre outros, o livro de contos *A Arte de Afinar o Silêncio* (Editora Ponteio, 2012). Foi um dos autores escolhidos para publicação na Feira de Frankfurt pela editora alemã Lettrétage, em 2013.